

# DITADURA E MEMÓRIA EM DUAS AUTORAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE *OS FIOS DA MEMÓRIA*, DE ADRIANA LISBOA, E *LENGUA MADRE*, DE MARÍA TERESA ANDRUECETO

DICTATORSHIP AND MEMORY IN TWO AUTHORS: CONSIDERATIONS ON *OS FIOS DA MEMÓRIA*, BY ADRIANA LISBOA, AND *LENGUA MADRE*, BY MARÍA TERESA ANDRUECETO

Renata Rocha Ribeiro<sup>7</sup>

**RESUMO:** A literatura contemporânea, com destaque para o romance, passa por uma espécie de revisão no que tange a questões históricas. No caso específico da América Latina, esse processo revisional se volta para as diferentes ditaduras vivenciadas em seus países neste período. É nessa linha de raciocínio, a de propor uma reflexão sobre representações literárias de catástrofes coletivas sofridas por dois países sul-americanos no século XX, Brasil e Argentina, que este trabalho se organiza. Para tanto, foram selecionadas as autoras Adriana Lisboa e María Teresa Andruetto, devido à afinidade percebida em relação à construção de seus projetos estéticos. Há uma correlação, na obra das autoras, entre trauma coletivo e trauma individual e o papel da memória neste imbricamento. Como fundamentação teórica, poderão ser cotejados os conceitos de memória individual e memória coletiva (HALBWACHS, 2003); de elaboração do passado (GAGNEBIN, 2009); de memória familiar e memória geracional (CANDAU, 2016); bem como a noção de tempo passado (SARLO, 2005).

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativa contemporânea; romance brasileiro; romance argentino; memória; ditadura.

**ABSTRACT:** Contemporary literature, with emphasis on the novel, goes through a kind of revision regarding historical issues. In the specific case of Latin America, this revisionary process turns to the different dictatorships experienced in their countries in this period. It is in this line of reasoning, which proposes a reflection on literary representations of collective catastrophes suffered by two South American countries in the twentieth century, Brazil and Argentina, that this work is organized. For that, we selected the authors Adriana Lisboa and María Teresa Andruetto, due to the perceived affinity in relation to the construction of their aesthetic projects. There is a correlation, in the authors' work, between collective trauma and

<sup>7</sup> Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – Brasil. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás - Brasil. Realiza estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. Professora adjunta da Universidade Federal de Goiás – Brasil. E-mail: [renatarribeiro@yahoo.com.br](mailto:renatarribeiro@yahoo.com.br)

individual trauma and the role of memory in this imbrication. As a theoretical basis, the concepts of individual memory and collective memory (HALBWACHS, 2003) can be compared; the concept of past (GAGNEBIN, 2009); the concepts of family memory and generational memory (CANDAU, 2016); as well as the notion of past time (SARLO, 2005).

**KEYWORDS:** contemporary narrative; brazilian novel; argentine novel; memory; dictatorship.

## 1. INTRODUÇÃO

Dentre os caminhos do romance na contemporaneidade, destaca-se, entre outras, a questão da revisão reflexiva sobre o passado recente, em particular do século XX, que impôs à humanidade toda uma sorte de horrores advindos das grandes guerras e de regimes autoritários. No presente trabalho, interessa-nos observar como duas autoras, uma brasileira – Adriana Lisboa – e outra argentina – María Teresa Andruetto –, abordam os processos ditatoriais vividos por seus países na segunda metade do século XX em dois romances: *Os fios da memória* (1999) e *Lengua madre* (2010). Karl Erik Schøllhammer, no ensaio “A história natural da ditadura”, considera que a literatura

sempre teve importante papel de testemunho e de memória desse tipo de atrocidades ao oferecer vivências afetivas de realidades, que, em uma narrativa fria da história, frequentemente são reduzidas à escala pasteurizada dos eventos políticos ou exploradas comercialmente na extrapolação midiática de seus efeitos mais espetaculares. (SCHØLLHAMMER, 2015, p. 39)

Em outros termos, a literatura parece estar autorizada, mesmo de modo ficcional, a expor e refletir “verdades” de um modo afetivo que a narrativa histórica por vezes não está autorizada, ao lidar com modos particulares de se observar um evento. Eurídice Figueiredo, por sua vez, em *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, afirma que a literatura é importante para “reelaborar os traumas da ditadura”, uma vez que o “passado está aberto a novas interpretações” (FIGUEIREDO, 2017, p. 41). Ainda segundo Figueiredo (2017, p. 43), “só a literatura é capaz de recriar o ambiente de terror vivido por personagens afetados diretamente pela arbitrariedade, pela tortura, pela

humilhação, pois, como afirma Jacques Rancière [...], ‘o real precisa ser ficcionado para ser pensado’”.

Neste campo de análise, portanto, bem como pelas autoras e obras selecionadas, alguns conceitos são importantes de ser mencionados, como os de memória individual e memória coletiva (HALBWACHS, 2003); de tempo passado (SARLO, 2005); de elaboração do passado (GAGNEBIN, 2009); bem como de memória familiar (CANDAU, 2016). Vejamo-los, a seguir, para a partir daí tecer os comentários sobre o *corpus* literário.

## 2. MEMÓRIAS: INDIVÍDUO E COLETIVIDADE

Para a leitura aqui proposta dos romances elencados, em que as memórias das personagens como indivíduos, de suas famílias e de todo um tempo se imbricam, é interessante observar o que Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva*, considera como memória individual e memória coletiva.

De acordo com o sociólogo francês, as memórias poderiam se organizar de duas formas: “tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais” (HALBWACHS, 2017, p. 71). Essas duas formas seriam, respectivamente e de forma resumida, o que se quer entender por memória individual e memória coletiva. O indivíduo, logo, participa dessas duas modalidades de memória, entretanto, assumindo, diante de cada uma,

atitudes muito diferentes e até opostas. Por um lado, suas lembranças teriam lugar no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal – as mesmas que lhes são comuns com outras só seriam vistas por ele apenas no aspecto que o interessa enquanto se distingue dos outros. Por outro lado, em certos momentos, ele seria capaz de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo. (HALBWACHS, 2017, p. 71)

Assim, uma memória pode ser vista e entendida de maneiras diferentes, dependendo de seu ponto de vista, seja ele particular ou coletivo. Ainda sobre a memória individual, Halbwachs afirma que não está totalmente isolada, uma vez que, para “evocar seu *próprio passado*, em geral a pessoa precisa *recorrer às lembranças de outras*, e se transporta a *pontos de referência que existem fora de si*, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2017, p. 72, grifos nossos). É relevante observar, por meio dos destaques, que um indivíduo evoca seu próprio passado por meio da recorrência de lembranças alheias, utilizando-se de balizas que não são apenas as suas, mas as sociais. Esse entendimento é importante para refletirmos sobre os romances que serão comentados adiante. Em seguida, Halbwachs chega a assentir que o funcionamento da memória individual é impossível sem as palavras e ideias tomadas emprestadas daquilo que rodeia o indivíduo, sendo ela, portanto, bastante limitada no espaço e no tempo.

A memória coletiva também se situa espaço-temporalmente, mas seus limites podem ser mais estreitos ou mais largos. Como exemplo, Halbwachs menciona um fato qualquer vivido por uma nação:

Durante o curso de minha vida, o grupo nacional de que faço parte foi teatro de certo número de acontecimentos a respeito dos quais digo que me lembro, mas que só conheci através de jornais ou pelo testemunho dos que neles estiveram envolvidos diretamente. Esses fatos ocupam um lugar na memória da nação – mas *eu mesmo não assisti*. Quando os evoco, *sou obrigado a me remeter inteiramente à memória dos outros*, e esta não entra aqui para completar ou reforçar a minha, mas é a *única fonte* do que posso repetir sobre a questão. (HALBWACHS, 2017, p. 72, grifos nossos)

Em outros termos, não é possível se lembrar de algo que não se viveu, mas esse algo, quando assume maiores proporções sociais, se torna também parte das memórias de um indivíduo. Assim, a memória individual recebe ajuda da memória coletiva, ou histórica, sendo que esta “só representaria para nós o passado sob uma forma resumida e esquemática, ao passo que a memória da

nossa vida nos apresentaria dele um panorama bem mais contínuo e denso” (HALBWACHS, 2017, p. 73).

A relação entre memória e passado pode parecer óbvia, mas nem sempre é assim. Uma coisa pode ser um evento que já aconteceu e outra é a necessidade ou insistência em memorá-lo, seja por qual motivo for. Beatriz Sarlo, em *Tiempo pasado*, adverte que o passado é algo sempre conflitivo: “A ele se referem, em competência, a memória e a história, porque a história nem sempre pode acreditar na memória e a memória desconfia de uma reconstrução que não ponha em posição central os direitos da recordação” (SARLO, 2005, p. 9, tradução nossa).<sup>8</sup> Para a crítica argentina, não é preciso apenas recordar o passado (coisa que inclusive é feita a despeito de uma vontade, como sentir um cheiro), mas também entendê-lo. A autora afirma que a memória foi o dever de uma Argentina pós-ditadura, bem como da maioria dos países sul-americanos. Assim, os atos de memória, como fonte de reconstrução do passado, foram centrais no processo de redemocratização. O destaque dado então ao testemunho, à manifestação em primeira pessoa, é enorme. Partindo do pressuposto de que nossa época é de grande subjetividade, Sarlo segue considerando que, se “há três ou quatro décadas o eu despertava suspeitas”<sup>9</sup> (SARLO, 2005, p. 25, tradução nossa), hoje ele possui privilégios que devem ser analisados. Segundo a autora, o passado pode ser pensado de várias formas, não apenas por meio da oposição memória e esquecimento: “Parece-me necessário avançar criticamente mais além dela [da oposição memória e esquecimento], ignorando a ameaça de que, se os atuais processos de memória são analisados, se estaria fortalecendo a possibilidade de um esquecimento indesejável”

---

<sup>8</sup> No original: “A él se refieren, en competencia, la memoria y la historia, porque la historia no siempre puede creerle a la memoria, y la memoria desconfía de una reconstrucción que no ponga en su centro los derechos del recuerdo” (SARLO, 2005, p. 9).

<sup>9</sup> No original: “hace tres o cuatro décadas el yo despertaba sospechas” (SARLO, 2005, p. 9).

(SARLO, 2005, p. 26).<sup>10</sup> Sarlo cita Susan Sontag ao afirmar que se dá um alto valor à memória e um valor insuficiente ao pensamento, como em um pedido de cuidado diante de uma história em que a memória em excesso pode conduzir, também, a guerras, como no caso dos sérvios e irlandeses. Assim, para Sarlo, “é mais importante entender que recordar, ainda que para entender seja preciso, também, recordar” (SARLO, 2005, p. 26).<sup>11</sup>

Ainda no que tange ao passado, é importante observar as reflexões de Jeanne Marie Gagnebin em “O que significa elaborar o passado?”, contido no volume *Lembrar escrever esquecer*. Para ela – e aí observamos alguns pontos de contato com Sarlo –, hoje estamos muito preocupados e ocupados com a questão da memória, no intuito de preservá-la ou de evitar que atrocidades se repitam. Porém, a autora observa que essa fixação com a memória e com o passado pode fazer com que se deixe de enfrentar – e por que não, viver – o presente. Gagnebin cita o Adorno de “O que significa a elaboração do passado?”, que trata também da questão do esquecimento. Para a autora, é importante observar neste texto a noção de esclarecimento: Adorno não sacraliza a memória, mas insiste na ideia de esclarecimento racional. Trata-se de ir além da rememoração; trata-se de, por meio do esclarecimento, também confrontar o presente. O passado, então, deveria ser elaborado, “realizado por meio de um esforço de compreensão e de esclarecimento – do passado e, também, do presente”, um trabalho para lembrar “dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos” (GAGNEBIN, 2009, p. 105).

Joël Candau, por seu turno, em *Memória e identidade*, trata da relação indissolúvel existente entre o par que dá título ao volume. Para o antropólogo, a memória é, “acima de tudo, uma *reconstrução* continuamente atualizada do

---

<sup>10</sup> No original: “Me parece necesario avanzar críticamente más allá de ella, desoyendo la amenaza de que, si se examinan los actuales procesos de memoria, se estaría fortaleciendo la posibilidad de un olvido indeseable” (SARLO, 2005, p. 26).

<sup>11</sup> No original: “es más importante entender que recordar, aunque para entender sea preciso, también, recordar” (SARLO, 2005, p. 26).

passado, mais do que uma *reconstituição fiel* do mesmo” (CANDAU, 2016, p. 9, grifos nossos). Candau, ancorado na obra já citada de Halbwachs, também acredita que é na memória genealógica e familiar “que o jogo da memória e da identidade se dá a ver mais facilmente” (CANDAU, 2016, p. 137). Ora, buscar a genealogia é uma forma de buscar a si. E ela, a genealogia, “se apresenta com mais força quanto mais as pessoas experimentam o sentimento de se distanciarem de suas ‘raízes’” (CANDAU, 2016, p. 137).

Baseado em Anne Muxel (*Individu et mémoire familiale*), Candau afirma que a

memória familiar serve de princípio organizador da identidade do sujeito em diferentes modalidades. De um lado, intervém o compartilhamento de certas lembranças e esquecimentos [...] ou, mais exatamente me parece, o compartilhamento da vontade de compartilhar, uma vez que o nível metamemorial é importante para a representação da memória familiar. (CANDAU, 2016, p. 140)

Nesse sentido, a construção de uma memória individual, de uma identidade perpassa pela ideia de coletividade, e o coletivo mais próximo do indivíduo é, na maior parte dos casos, a família.

A partir dessas perspectivas, vejamos como a memória da ditadura se faz presente na obra de Adriana Lisboa. Para este trabalho, comentaremos sobre *Os fios da memória*.

### **3. MEMÓRIA FAMILIAR E DA DITADURA EM OS FIOS DA MEMÓRIA, DE ADRIANA LISBOA**

Adriana Lisboa é uma escritora carioca, nascida em 1970. Estreou na literatura com o romance *Os fios da memória*, de 1999, e a partir daí tem produzido outros romances, volumes de contos, poemas e narrativas infanto-juvenis. Foi finalista de vários prêmios literários brasileiros e estrangeiros e conquistou o Prêmio José Saramago com *Sinfonia em branco*, em 2003; o Prêmio Moinho Santista pelo conjunto da obra, em 2005; e o Prêmio Revelação da

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) por *Língua de trapos*, em 2006.

*Os fios da memória* já contém, em si, algumas das linhas de força do projeto literário da autora: uma narrativa poetizada, a memória como reconstrução e preenchimento de espaços não alcançados, a relação entre indivíduo e coletivo. Como epígrafes, o livro conta com trechos de João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa<sup>12</sup> que apontam para dois dos grandes temas da narrativa: o tempo e a memória. Neste romance de estreia também já aparece a questão da ditadura militar brasileira, que atingirá, na sequência narrativa da autora, maior destaque em *Azul corvo*, de 2010. Em uma entrevista ao blog *Carta capital*, Lisboa afirma:

Nasci em plena ditadura, e cresci no silêncio oficial que cerceou o país durante muito tempo. Voltar a essa época através da escrita também foi, para mim, a recuperação de parte de um passado pessoal e coletivo, e a possibilidade de compartilhar tudo isso com leitores das novas gerações – é fundamental que a história não ande para trás, e para isso precisamos conhecê-la e refletir sobre ela. Como é que alguém pode, hoje, dizer que “no tempo da ditadura é que era bom”? Isso é de uma falta escandalosa de consciência histórica. (WOLFF, 2018)

Elis Crokidakis Castro, em “A memória, seus fios e tramas: dois livros de Adriana Lisboa – *Os fios da memória* e *Azul corvo*”, assim resume o desenrolar de *Os fios da memória*: “Beatriz se reconstrói através dos diários de sua bisavó, se cria ali, busca a origem de sua família, as multi-etnias da composição da brasileira. [...] [ela] se encontra absorvida pelos diários encontrados dentro de uma casa que lhe ficou de herança e pouco sai de casa” (CASTRO, 2011, p. 160).

Beatriz é a narradora, em primeira pessoa, de sua história, da história de

<sup>12</sup> De João Cabral de Melo Neto, foram recortados os seguintes versos do poema “Habitar o tempo”, de *A educação pela pedra*: “Ele corre vazio, o tal tempo ao vivo;/ e como além de vazio, transparente,/ habitar o invisível dá em habitar-se:/ a ermida do corpo, no deserto ou no alpendre.” De João Guimarães Rosa, foram indicados os versos do poema “Revolta”, contido em *Magma*: “Mas não quero ir para mais longe,/ desterrado,/ porque a minha pátria é a memória”.

sua família e também de momentos da história do Brasil. Brasil é, inclusive, o sobrenome de Beatriz. O tom de sua narrativa é memorialístico e a protagonista informa que está redigindo, registrando aquilo que narra: “Assim escrevo estas páginas; assim, digamos, *sou* estas páginas” (LISBOA, 1999, p. 16, grifo da autora). Além de demarcar um lugar de escrita, Beatriz também dialoga com o leitor, a quem decide tratar por “vós”. A motivação da escrita vai sendo desenvolvida ao longo do romance: Beatriz tem necessidade de contar. E essa necessidade emerge de fatos acontecidos em sua família: a morte de pessoas próximas e o encontro com diários redigidos por sua bisavó e seu avô paternos. Com a morte de Heloisa, sua tia e melhor amiga, Beatriz herda uma ampla casa, com uma grande biblioteca, e para lá se muda sozinha. Neste espaço, encontra as mais de duas mil páginas do diário da bisavó, que, por sua vez, narra a história de seus antepassados desde os tempos coloniais. Outra morte que atinge Beatriz é a da prima Mariana: no dia em que a moça se suicida, Beatriz havia ido à praia e conhecido Orlando, o rapaz por quem se apaixona e com quem inicia um relacionamento. Depois da morte de Mariana, não sai mais de casa e mergulha nos diários, começando ela mesma a escrever uma versão de sua própria história e a dos seus antepassados.

O romance é organizado em nove capítulos que têm, como título, nomes de personagens. O primeiro é “Orlando” e o último, “Beatriz”, o que sugere o encontro amoroso e a possibilidade da construção de um futuro feliz, da escritura de uma outra história, posto que Beatriz é a única que subsiste no espaço que antes era ocupado por sua família. Os capítulos de dois a oito são encabeçados por outras pessoas da família Brasil, em ordem cronológica.

Beatriz é movida pela sua própria memória, individual, bem como pela memória coletiva. Halbwachs alerta que, para evocar o passado, um indivíduo se mune não apenas de suas próprias memórias, mas também as de outrem. E é isso que Beatriz realiza: evoca o passado pelas memórias contidas no diário e, nos termos de Candau, reconstrói sua genealogia e seu passado por meio da

memória familiar, buscando seu lugar no mundo, sua identidade. Também, na esteira de Sarlo e Gagnebin, podemos afirmar que Beatriz tenta recordar e entender seu passado, refletindo sobre ele no momento da escrita; bem como elabora seu luto, passando por um processo de esclarecimento do passado e do presente para que possa se compreender e viver o amor com Orlando.

A memória ditatorial se faz presente no romance por meio das personagens Aureliano (avô paterno) e Heloisa (tia paterna). Aureliano é filho de Domingos Brasil, o irmão de Antônia Brasil, que por sua vez é quem começa a redigir os diários, aos quinze anos de idade. Aureliano, por seu turno, também aos quinze anos, recebeu de sua mãe os diários da tia Antônia e, ao “desembocar no sexto e último volume, meses depois, completava a sua revolução, a sua metamorfose, deixava de ser menino, tornava-se homem” (LISBOA, 1999, p. 182). Assim, no “dia seguinte começou a redigir seu próprio diário e, tendo descoberto junto com a história de sua família a outra, a daquele invólucro chamado Brasil, começou a interessar-se pela política. Vieram as leituras, Aureliano galgou degrau após degrau e chegou a Maquiavel e Platão” (LISBOA, 1999, p. 182-183). A partir da década de 1930, o rapaz

cumpriu os últimos degraus de suas leituras, Marx, Engels, Lenin, Trotski, meteu-se com a Aliança Nacional Libertadora (que elegera Luis Carlos Prestes como presidente de honra) e construiu para si também um discurso, em que preconizava a reforma agrária, a anulação da dívida externa, e, finalmente, a derrubada do governo para a instalação de um outro popular e democrático. Dali ao Partido Comunista foi um passeio; meu avô contava com indisfarçável orgulho, a despeito de tudo o que se sucedeu, que chegara mesmo a participar da 1ª Conferência Nacional do Partido. (LISBOA, 1999, p. 182-184)

Assim, vemos que Aureliano tornou-se comunista e teve papel ativo no Partido. Casara-se com Teresa, com quem teve quatro filhos: Heloisa, Boris (pai de Beatriz), Eugênia e Ludmila, cujos nascimentos são vinculados, por Beatriz, à atmosfera da época. Observemos:

Dissimulando sua atuação política na pequenez de seu emprego burocrático, Aureliano viu chegarem ao mundo seus dois primeiros filhos: Heloisa, em 1930; Boris, em 1937. Eugênia nasceria simultaneamente às notícias do início da Segunda Guerra (já então o PC andava moribundo, desagregando-se sob rigorosa repressão do ditador Getúlio Vargas) e Ludmila, a caçula, um ano depois. (LISBOA, 1999, p. 184)

Dos quatro filhos, Heloisa, a primogênita, é quem acompanha o pai ideologicamente. Beatriz informa que a tia, ao dezessete anos, “já fizera havia muito seu *début* na literatura marxista, começou a militar no Partido e, junto com Aureliano, ajudava no recrutamento de novos filiados [...]” (LISBOA, 1999, p. 193). Por fim, Aureliano, que havia sido eleito deputado pelo PC, viu seu sonho comunista começar a ruir quanto o Partido foi novamente considerado ilegal, quando o governo Dutra rompeu com a União Soviética. À ocasião, seu mandato foi cassado, seus colegas militantes tornaram-se clandestinos e sedes do Partido foram fechadas. A nova postura radical dos comunistas não conquistou Aureliano, “mas galgaram rapidamente o coração inflamado da jovem Heloisa, que se prontificou a ajudar a estimular greves e combater o governo de ‘traição nacional’, militando no movimento estudantil. Daí a começar a apoiar a militarização do Partido, não demorou muito” (LISBOA, 1999, p. 195). Aureliano, no que lhe dizia respeito, redigia manifestos isolados, publicados sob pseudônimo, e se transformou em relojoeiro para sustentar a família. O sonho comunista havia passado para ele.

Enquanto isso, Heloisa mergulhara no ideal. Segundo Beatriz,

Heloisa Brasil abandonou a faculdade de medicina após o quinto ano e foi viajar pela América Latina a fim de aprender técnicas de guerrilha. Nossos militares chegaram mais uma vez ao poder, aperfeiçoaram-se em atrocidades e Atos Institucionais com que arbitrariamente soterravam os direitos civis. (LISBOA, 1999, p. 196)

A tia de Beatriz acabou por se tornar uma espécie de guerrilheira (mais adiante Beatriz escreve que ela “empunhava armas no interior do país”),

deixando para trás o estudo e a família. A narradora, depois dar essa informação, continua, em seu diálogo com o leitor, que são os momentos em que parece realizar alguns balanços e digressões, bem como contrastes com o presente:

Sabeis bem, leitor, o que foram as ditaduras militares na América Latina; no Brasil, mais especificamente. Até nossos dias há feridas abertas, desaparecimentos que permanecem inexplicados, torturadores e assassinos que permanecem impunes e uma geração inteira, a minha própria, que cresceu sob censura, desinformação e medo. Não repisaremos aqui, porém, essa história que ainda não foi suficientemente repisada – e será algum dia? (LISBOA, 1999, p. 197)

A partir de uma comparação com *Azul corvo*, em que há todo um envolvimento mais detalhado da personagem Fernando com a Guerrilha do Araguaia, em *Os fios da memória* Lisboa dedica apenas parte de um capítulo, o de Aureliano, para comentar sobre a ditadura. Entretanto, como um dos objetivos da narrativa de Beatriz é a de construir a genealogia dos Brasil e do Brasil – família e nação –, a ditadura aparece como um de seus capítulos, assim como o é em relação à história do país. A despeito disso, é interessante observar que Beatriz recebe uma memória histórica e familiar crítica, uma vez que comenta sobre as atrocidades do regime militar no Brasil e na América Latina e pressupõe o conhecimento do leitor acerca disso, instigando-o a também refletir sobre o fato.

Os irmãos de Heloisa – Boris, Eugênia e Ludmila –, por opção, não se envolveram diretamente com a política, muito provavelmente por acompanhar os caminhos de Aureliano e da irmã mais velha. Ela continuava sua militância, mas, quando “a prisão e as tantas e tão requintadas formas de tortura e possivelmente o assassinato chegavam-lhe aos calcanhares, Heloisa deixou-se convencer por seus pais a partir para o exílio” (LISBOA, 1999, p. 197). Por fim, a tia de Beatriz se viu vencida pelo regime e obrigada a se retirar de seu país, chegando a Londres em 1971. E então, pouco tempo depois, “a ex-guerrilheira

comunista apaixonou-se por um milionário inglês, dono de luxuosa propriedade em Portsmouth e que atendia pelo nome elegante de Christian Parry” (LISBOA, 1999, p. 197). Beatriz conclui o capítulo com uma menção ao destino: “Assim tem sido o destino. Imprevisível e comumente irônico” (LISBOA, 1999, p. 197).

#### 4. MEMÓRIA FAMILIAR E DA DITADURA EM LENGUA MADRE, DE MARÍA TERESA ANDRUETTO<sup>13</sup>

María Teresa Andruetto é uma escritora argentina que também se dedica a diversos gêneros: romance, literatura infanto-juvenil, poesia, contos. Seu primeiro romance, *Tama* (1993), venceu o Premio Municipal Luis de Tejada. Desde então, a autora coleciona títulos e prêmios. Em 2012, foi condecorada com o Prêmio Hans Christian Andersen. Conta também com publicações de cunho teórico-crítico. *Lengua madre* é o seu terceiro romance para adultos e narra, em terceira pessoa, o drama familiar vivido por Julieta, uma filha de militantes da última ditadura argentina (1976-1983). É interessante observar que, posteriormente, no romance *Los manchados* (2015), Julieta continua a busca por sua história e a de seu país ao regressar a Argentina atrás de informações sobre o pai, Nicolás.

As epígrafes do romance apontam para a questão do trânsito e do pertencimento, bem como do alheamento vivenciado pelo estrangeiro, além de referências à dor e ao sofrimento. De Diana Bellessi, tem-se os versos: “Para onde estou voltando/ sempre quero/ ir a outra parte”<sup>14</sup>. De Susana Thènon, o trecho: “Por quê?/ Por quê que?/ Por que grita essa mulher?”<sup>15</sup>. De Doris Lessing, que é inclusive objeto de estudo da protagonista, o excerto: “Estava gelada, enferma, fraca, mas eu podia perceber o pulso da vitalidade ali: a vida. A

<sup>13</sup> Esta análise foi apresentada em parte do trabalho intitulado “XXX”, no evento XXX.

<sup>14</sup> No original: “Adónde voy volviendo yo/ que siempre quiero/ irme a otra parte”. Tradução minha.

<sup>15</sup> No original: “¿Por qué?/ ¿Por qué que?/ ¿Por qué grita esa mujer?”. Tradução minha.

vida, que forte é”<sup>16</sup>. Por fim, um trecho de Marina Tsvietaieva em carta a Rilke: “Que tristeza que não possa me ler. Sou a teus olhos surda e muda (Não! Surda não, muda)”<sup>17</sup>. É interessante observar que todas as epígrafes são de mulheres, uma vez que Julieta estuda Doris Lessing tentando buscar, nela, a escrita feminina. Sua hipótese é pensar se há algo de feminino na escrita de mulheres:

Tem um projeto: saber se existe algo feminino no modo de escrever das mulheres. Abomina a palavra “feminino”, é uma palavra boba e detestável, porém, não encontra outra que a substitua. Supondo que exista e apareça na escritura, ela o está estudando na obra de Lessing. Saberá algo mais sobre escritura quando terminar. Ou talvez, e agora lhe parece que é o que importa, algo mais sobre as mulheres.<sup>18</sup> (ANDRUETTO, 2013, p. 42)

Também é relevante destacar que a epígrafe de Lessing diz respeito à mãe da protagonista, Julia, pois é uma mulher descrita com muito apego à vida e aos ideais sociais que cultivou na juventude. Por sua vez, a referência a Marina Tsvietaieva se alinha às cartas presentes no romance e à falta de comunicação entre mãe e filha. Na narrativa, Julia, nos anos 1970, é uma universitária que se interessa pelas injustiças sociais, que em pouco tempo culminarão em um golpe de estado. Julia vivia com os pais na cidadezinha de Aldao: o italiano Stefano, que se refugiou na Argentina aos quatorze anos, quando da Segunda Guerra Mundial; a argentina Ema, que nasceu em um pequeno povoado do país; e com os irmãos mais novos Lina e Pippo. Com o interesse de Julia pelas questões políticas e seu envolvimento com Nicolás, também um militante, e com o cerco se fechando em Aldao, Julia tem de se mudar para o sul do país, em Trelew, onde

<sup>16</sup> No original: “*Estaba helada, enferma, débil, pero you podía percibir el pulso de la vitalidad allí: la vida. La vida, qué fuerte es*”. Tradução minha.

<sup>17</sup> No original: “*Qué tristeza que no puedas leerme. Soy a tus ojos sordomuda (¡No! Sorda no, muda)*”. Tradução minha.

<sup>18</sup> No original: “*Tiene un proyecto: saber si existe algo femenino, en el modo de escribir de las mujeres. Destesta na palabra ‘femenino’, es una palabra tonta y odiosa, sin embargo, no encontra otra que la reemplace. Suponiendo que eso exista y aparezca en la escritura, ella está estudiándolo en la obra de Lessing. Sabrá algo más sobre escritura cuando termine. O tal vez, y ahora le parece que es lo que le importa, algo más sobre las mujeres*”. Tradução minha.

conta com a ajuda de uma família, que lhe oferece o porão para que sobreviva. Nesse lugar, escondida, Julia engravida de Nicolás, que consegue fugir para Estocolmo. Julieta nasce em 1978 e vai morar com os avós maternos em Aldao. Com os perigos dos sequestros e perseguições, e mesmo com o processo de redemocratização, Julia não consegue voltar a Aldao e conviver com Julieta. Além desse fato, a avó ao fim também não quis abrir mão da neta. Tudo isso gera na menina um trauma, agravado ainda pela ausência de um pai totalmente desconhecido.

Julia opta, então, aos vinte e um anos, morar em Munique para continuar seus estudos em literatura, bem como para fugir de sua tragédia familiar. Quando a avó adoece, volta à Argentina e acompanha sua agonia, até a morte. Pouco tempo depois, Julia desenvolve um câncer muito agressivo. Ela pede a Julieta que volte, pois queria ler com ela as cartas de sua juventude. Julieta não atende ao pedido da mãe e é sua tia Lina quem acompanha a morte de Julia. Ao regressar novamente à Argentina, Julieta vai cumprir o pedido de sua mãe: ler as cartas que estavam em posse de Julia. Assim se manifesta o narrador:

A mãe havia conseguido enfim colocar uma ordem em sua vida e pedia a ela que sustentasse essa ordem depois de sua morte. Era um pedido estranho porque tinha tempo que não se viam e as conversas telefônicas não eram extensas. Pediu a ela antes de seu estado se agravar, um pouco antes de Lina se mudar para sua casa para acompanhá-la, antes dessa agonia que agora era para ela uma cadeia de culpas; não sabe porque insistiu tanto com as cartas.<sup>19</sup> (ANDRUETTO, 2013, p. 13)

Julieta por fim acata o pedido da mãe e mergulha na caixa de cartas, uma vez que esta era uma circunstância favorável para enfim conhecer a mãe, o pai e também a si mesma: “sabe que esta pode ser uma oportunidade para conhecer

<sup>19</sup> No original: “*La madre había logrado por fin poner un orden a su vida, y le pedía que sostuviera ese orden más allá de su muerte. Era un pedido extraño porque hacía tiempo que no se veían y las conversaciones telefónicas no eran extensas. Se lo pidió antes de ponerse grave, un poco antes de que Lina se mudara a su casa para acompañarla, antes de esa agonía que ahora era para ella una cadena de culpas; no sabe por qué insistió tanto con las cartas*”. Tradução minha.

quem é para ela uma desconhecida. De modo que poderia dizer que ela é hoje, logo após a morte da mãe, uma filha que está buscando por ela. Uma filha que dá à luz a mãe dentre uns papéis, umas cartas”<sup>20</sup> (ANDRUETTO, 2013, p. 15).

Naturalmente, a caixa de Julia contém as cartas que ela recebeu durante seu autoexílio. Dela mesma não há nada, exceto uma carta para Ema, não enviada. São telegramas da família, cartas de amigas, de Lina, de Pippo, do pai Stefano, mas, sobretudo, cartas da avó de Julieta, Ema. Tais cartas são intercaladas com a voz do narrador. Também há a colagem de fotos e desenhos que estão que estão na caixa.

Por conseguinte, Julieta conhecerá a mãe, obterá as memórias da mãe por meio da voz da avó, que por sua vez também foi mãe de Julieta. Essas memórias também serão obtidas em conversas com Lina, logo após a morte de Julia; com José Guerrero, o enfermeiro que fez o parto de Julieta; e com Lidia, cunhada de José, a mulher que junto ao marido, Oreste, acolheu Julia em um porão. Nesse sentido, vida acadêmica e pessoal acabam por se colar: em Munique, Julieta analisa a escritura feminina de Doris Lessing; em Trelew, analisa a escritura das cartas da avó. Haveria algo de feminino também na emissão de Ema? É possível realizar tal questionamento pelo espelhamento entre as duas leituras:

Chama sua atenção o ritmo de escritura de sua avó, concentra-se para reconhecê-lo, para descobrir a pulsão que a motivou a escrever e também para descobrir o desejo obscuro, a opaca intenção de sua mãe que as recebia, que as teria lido – uma vez, muitas –, de sua mãe que foi capaz de provocar essa escritura, esse chamado. É como um trabalho que faz, quase poderia dizer, e o faz seguindo regras de linguagem, teorias de leitura que aprendeu com seus professores.<sup>21</sup> (ANDRUETTO, 2013, p. 144)

<sup>20</sup> No original: “*sabe que ésta puede ser una oportunidad para conocer a quien es para ella una desconocida. De manera que podría decirse que ella es hoy, a poco de morir su madre, una hija que la está buscando. Una hija que hace nacer a la madre de entre unos papeles, unas cartas*”. Tradução minha.

<sup>21</sup> No original: “*Le llama la atención el ritmo de escritura de su abuela, trata de concentrarse para reconocerlo, para descubrir la pulsión que la animó a escribir y acaso también para descubrir el deseo oscuro, la opacada intención de su madre que las recibía, que las habrá leído – una vez,*

Julietta se aprofunda nas memórias da mãe e, por conseguinte, em suas próprias memórias. Ao longo do romance, ela se lembra de eventos da infância, da adolescência e da vida adulta na Europa. Convive com a dor de não ter vivido com os pais, em especial a mãe, julgando-se abandonada. E é por meio da leitura das cartas que ela vai descobrir determinados subentendidos em sua história: Julia sempre quis ficar com Julieta, mas acabou cedendo aos argumentos de Ema, que julgava ser perigoso a filha voltar a Aldao. Ademais, Ema entende que fez tudo o que Julia quis, apesar de não concordar com seus ideais políticos, e não seria justo retirar a alegria que ela e Stefano tinham na vida, que era Julieta.

Sobre a ditadura presente no romance, seja nas cartas ou na voz do narrador, há também muitos interditos. As indicações temporais demarcam bem o período ditatorial. Nas cartas, Ema sempre pede a Julia para que tenha cuidado. Em outras, quando seu humor não está dos melhores, maldiz o dia em que Julia escolheu ter “ideias políticas” e dizê-las “aos quatro ventos”. Também agradece a hospitalidade das pessoas que acolhem Julia. E sempre tem a opinião de que Julia não deve voltar, pois todos na cidade sabem de seu posicionamento e coisas horríveis acontecem:

aquí está tudo muito difícil, não há trabalho, quer dizer, tem que ter sorte para entrar no Asilo, recomendações políticas que nesta época não podemos nem sonhar, os comércios estão de tal forma que se podem despedem e não repõem e os colégios, mas neles conhecem suas ideias. Esse é o maior problema que vejo, filha, aquí todos sabem como você pensa, ou pelo menos como pensava há certo tempo, e por mais que um dissimule, o que um pensa termina se adivinhando. [...] nós pensamos que aí está mais segura e que também é mais seguro para todos.<sup>22</sup> (ANDRUETTO, 2013, p. 135-136)

*muchas –, de su madre que fue capaz de provocar esa escritura, ese llamado. Es como un trabajo que hace, casi podría decir, y lo hace siguiendo reglas de lenguaje, teorías de lectura que ha aprendido de sus profesores”. Tradução minha.*

<sup>22</sup> No original: “aquí todo está muy difícil, no hay trabajo, es decir, está el Asilo que hay que tener suerte para entrar, recomendaciones políticas que en esta época no podemos ni sonar, están los comercios que si pueden despiden y no reponen y los colegios, pero ahí conocen tus ideas. Ése es el mayor problema que yo veo, hija, que acá todos saben como pensás, o por lo menos cómo pensabas hasta hace un tiempo, y por más que uno disimule, lo que uno piensa termina adivinándose. [...]”

Julieta entende que tanto a mãe quanto a avó têm seus motivos, que a tragédia coletiva que viveram interferiu diretamente em sua vida. Há uma passagem de uma carta em que Ema relata horrorizada o sequestro de uma moça por ela presenciado em Córdoba, quando acompanhava uma tia. Entretanto, Julieta não deixa de se revoltar com os rumos de sua infância e adolescência, imaginando, por exemplo, que seu pai poderia ter levado as duas consigo, que ele deveria tê-la procurado. Nicolás é uma incógnita para ela, e Julieta segue seus rastros sem de fato fazer o que seria mais simples em uma situação normal: ir ao encontro do pai.

Por fim, apesar de tudo que Julieta vivenciou na infância, a ausência dos pais e o sentimento de abandono, ela chega ao fim da caixa de Julia apontando para um momento de paz com o passado. Se antes se considerava totalmente diferente dos pais, desprovida de quaisquer sentimentos sociais, ao fim do mergulho na casa da mãe, nos papeis e no contato com as pessoas que a conheceram bem, Julieta se vê capaz de ter a mãe na mente, entendê-la e deixá-la partir:

A rigor, pensa, eu mesma sou história e política e vida. Não tenho necessidade de registrá-las como a um fenômeno exterior a mim. A medida que as horas passam, os dias, é mais fácil para ela compreender – e aceitar – o lugar central, medular, que a geração de seus pais deu à política. Não se trata de que ela tenha retrocedido em suas preocupações individuais, o que acontece é que começa a crer que é necessário dar sentido e potência à experiência que os outros não puderam levar adiante. (ANDRUETTO, 2013, p. 225)

Julieta entende que ela é fruto de sua família e também de seu tempo. Nesse caminho, a memória geracional, como a entende Candau, é compreendida por ela. A memória do trauma é inscrita em Julieta tardiamente: ela nasceu durante a ditadura, mas não entendia bem o porquê de não viver com os pais.

---

*nosotros pensamos que allá estás más segura y también es más seguro para todos*". Tradução minha.

Já na fase adulta, depois da morte da mãe é que pôde atravessar seu trauma pessoal e entender que sua motivação era exterior, social. Julieta então pode finalmente se apropriar da história da mãe e também da sua própria história, deixando de viver em suspensão.

### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos comentários feitos, é possível realizar uma aproximação entre *Os fios da memória* e *Lengua madre*. Além de terem sido escritos por autoras e publicados em um intervalo próximo, ambos os romances trazem jovens protagonistas que lidam com a memória em nível individual e coletivo, nos termos de Halbwachs (2003), abordando, em maior ou menor grau, traumas coletivos, que são a ditadura militar brasileira e argentina.

As protagonistas dos dois romances adquirem, ambas, memórias em nível micro e macro: as memórias de suas famílias e de seus países. Elas são capazes de elaborar um passado (GAGNEBIN, 2009). Os pontos que as fazem se debruçar sobre o passado se assemelham: a morte de entes queridos e o recebimento de uma herança afetiva – os diários de Antônia, a caixa de Julia. Por meio dos diários de Antônia, Beatriz encontra a história da família Brasil e do país Brasil, desde a colonização. A partir daí, é capaz também de se reconhecer e de encontrar um lugar no mundo, realizar seu luto, e poder se realizar no presente, ao lado de Orlando, com vias de construir um futuro feliz. Beatriz, então, é capaz de se apropriar, de reivindicar um passado e se identificar por meio das memórias que recebe.

Já a protagonista de *Lengua madre* acessa as memórias da mãe por meio de cartas e pelas conversas com familiares e amigos de Julia, após a sua morte. A partir daí, tem matéria para se apropriar e construir um passado para si, e também atribuir a si mesma uma identidade, não mais apenas individual, mas também coletiva. Julieta parece também fazer as pazes com sua história, compreendendo que sua trajetória não é algo construído apenas de forma

individual, mas também de modo coletivo, já que não é um ser isolado no tempo, tampouco no espaço.

A análise dos dois romances elencados nos permite afirmar a convergência dos projetos estético-narrativos dessas duas importantes escritoras sul-americanas: elas conseguem, por meio da memória geracional e familiar (CANDAU, 2016), individual e coletiva, alcançar uma possibilidade de realização e afirmação no presente de suas protagonistas, Beatriz e Julieta, ao refletirem sobre capítulos pungentes de suas próprias histórias, de suas famílias e de seus países.

## REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, María Teresa. *Lengua madre*. 4 ed. Buenos Aires: Mondadori, 2013.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. 3 reimp. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- CASTRO, Elis Crokidakis. A memória, seus fios e tramas: dois livros de Adriana Lisboa – *Os fios da memória* e *Azul corvo*. *Cerrados*. v. 20, n. 31. 2011. p. 157-168. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8258/6255>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2 ed. 9 reimp. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2017.
- LISBOA, Adriana. *Os fios da memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo*. Una discusión. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2005.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. A história natural da ditadura. *Lua Nova*, n. 96, set/dez 2015. p. 39-55. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/673/67342810003/>>. Acesso em: 9 jul. 2018.
- WOLFF, Clarissa. Política na ficção: entrevista com quatro autores brasileiros. *Carta capital*. Abril de 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/a-redoma-de-livros/politica-na-ficcao-entrevista-com-4-autores-brasileiros>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Recebido em 14/11/2018. Aceito em 15/01/2019.